

Compra
150. 1997

O Jornal do

N.º 2

Reporter X

SEMANARIO DA VIDA MUNDIAL

PREÇO
50 CTS.

EDITOR
Ilídio de Sousa

SABADO
23 - OUTUBRO - 1929

DIRECCÃO (provisoria)

R. da Palma, 146-2.º - LISBOA

ADMINISTRAÇÃO - Barcelos

ESCRITORIO (provisorio)

Av. dos Aliados, 71 - PORTO

Sabado

"Pele Mele"

HOJE é Sabado. Bancos e companhias, todos os escritorios da cidade despejaram, no meio dia, o seu pessoal. É a *semana Inglesa*. É mais um triunfo do judaismo. O povo de Israel farto de suportar, durante seculos, o dia maximo dos catholicos — impóelhes agora metade do seu dia religioso — o sabado... A semana inglesa faz com que o domingo comece sabado á tarde, em todas as cidades. As *matinées* familiares dos cinemas tem, ao sabado, um publico especial de empregadotes *ajantados*, *enlominados* que se remiram nos cartazes de Rodolfo e de Jean Angelo como num espelho. Eles queriam ser assim, vestir assim, casarem-se ricos como os outros se casam nos films, com uma Greta Garbo ou uma Lya de Putti... Logo, ao anoitecer, as cidades tornam-se muito mais *domingo* — do que o proprio *domingo*. Teatros, cinemas, cafés, Parque Mayer, a Foz — tudo coagulado de gente. Nos *cabarets* as noites alastram-se pela madrugada e a madrugada pela manhã. Pudera... Ao domingo não há trabalho... Mas amanhã á noite o domingo... parece sabado. A cidade despo-voa-se muito cedo. Pudera... A seguir ao domingo — vem segunda e na segunda é preciso levantar cedo...

Hoje é sabado, vespera de domingo; domingo «dia-stéppe» do calendario; «Polo Norte» da semana — mesmo quando o sol transforme a terra numa grelha; — domingo — dia Sahará para todos os que o detestam; domingo scenario de campo armado na cidade; dia-jardim com todos os «*potys*» da natureza; porta arrombada da penitenciaría da semana para os que só ao domingo vivem, respiram, amam, dançam, se divertem e leem o jornal...

O jornal! É verdade! Hoje é sabado... Começa a lufa-lufa, o galope dos olhos através do mundo inteiro, montado em jornais, revistas, magazines de todos os paizes. Folheiam-se os *dosiers*; sujeitam-se as informações suspeitas á análise química do bom senso; arregimentam-se os *block-notes*; investiga-se a verdade dos boatos; poem-se azas nos *potins*. Homem illustre que morrem; figuras extranhas que surgem; dramas e «vaudevilles»; anedotas e surpresas; intrigas e escandalos... O *potin* cor de rosa da resenha da semana é-nos dado por Tawnead, o amigo intimo do principe de Gales, seu cronista, seu precoce historiador, que acaba de publicar as suas memorias que a Humanidade inteira saboreia em pequenos golos gulosos. Ninguem ignora que a grande preocupação da monarchia Inglesa é a negativa sistemática do futuro imperador das Indias em casar-se. Viaja, pratica o *sport*, estuda, leva o seu admiravel sorriso de *boy*, sorriso saudavel, sorriso sincero a todos os continentes; diverte-se e trabalha — mas que não lhe falem em esposas nem em princezas disponiveis... E o trono? E o problema da sucessão? Pela primeira vez o principe de Gales, sempre tão franco e tão despretenciosamente eloquente e loquaz nas suas revoluções e que até aqui, aos 33 anos, não pronunciara uma só frase sobre o casamento — decide-se a falar. Eis como ele explicou ao seu cronista a razão de tão energica abstinencia: «Considero o matrimonio o acto decisivo da vida, a chave do paraizo ou do inferno. Por isso só me casarei quando o casamento fór para mim a essencia divina do amor. Nunca aceitaré uma esposa por conveniencia politica!»

Outro *potin* — mas mais plebeu. Os radio telegrafistas francezes buscavam, ha muito, a sua santa padroeira... So os automobilstas e os aviadores, os ciclistas e até os *boaters* (que se ri-

legio) haviam confiado já e seu destino á protecção de um padrinho influente, na corte dos ceus — porque razão eles, que tantos ou mais perigos do que aquelas corriam a diario; eles, que nas horas heroicas da guerra e nos minutos de angustiosa gloria dos terremotes e dos naufragios necessitavam implorar a piedade de Deus, fizeram-se ouvir once não chegam as orações que as teclas marmónicas movem — não dispunham de um santo que se dedicasse exclusivamente a vigial-os, a livral-os dos perigos e na iminencia d'eles, a

(Continua na 3.ª pagina)

Sabado

A tragedia temporaria do poeta Antonio Botto

FERREIRA GOMES, o meu velho parceiro do bilhar das illusões literarias, parara, abordado por um moço de monoculo. Era o quinto encontro — desde que subiamos o Chiado. O lisboeta sente a volupia de se encontrar com muita gente. Uns — é por vicio; outros para estofarem com uma desculpa a sua mandreice; outros ainda para que os julguem muito bem relacionados. Se dez vezes no mesmo dia encontrarem o mesmo individuo, dez vezes exclamam «olá!»; dez vezes o fazem estacar; dez vezes o abraçam; dez vezes lhe perguntam; «Como vão lá em casa?»; dez vezes se despedem — porque vão com muita pressa...



ANTONIO BOTTO

Quando Ferreira Gomes regressou para junto de mim disse-me: «—Pobre Antonio Botto! Antonio Botto, o poeta? Mas estava mal? Que sim, bastante mal... Uma crise aguda de uma velha doença descuidada — mas mais cruel do que ameaçadora. Havia de curar-se... Contudo — pior do que a enfermidade era a sua situação moral, espiritual — nervosa até... Um poeta no nosso paiz, mesmo da categoria do Botto — nunca se encontra prevenido para um assalto da Fatalidade...

— Onde vive ele? indaguei. Quero ir visitá-lo...

Que não fizesse tal — aconselhou-me Ferreira Gomes. Não me receberia. Nas primeiras horas da amargura, bebeu, sozinho, o fel do abandono. Os amigos não tinham aparecido a vel'... Julgava-se esquecido em vida. Em plena mocidade. E esta ideia, revoltando-o numa colera nobremente apatica e silenciosa, contra a ingratição e a injustiça neurastenizara-o... Doença e tristeza uniram-se numa conjura que viera agatanhar o seu fisico, brechal-o de fealdades transitorias ou repa-

raveis mas que o affligiam e exageradamente o envergonhavam como se fossem estigmas eternos, aleijões irreparaveis — destruindo para sempre a sua auto-obra de esteta. Compreendi então toda a minúscula tragedia — oculta no quarto duma pensão... Conheço Antonio Botto desde os primeiros versos; das primeiras tentativas de triunfo na vida. Mas toda a gente conhece, afinal o Botto. Ele é um personagem marcante do desfile lisboeta. Quando ele passa, notam-no; apontam-no; cochicham o seu nome. . Mesmo fora de Lisboa evocam-no, repetem «blagues», por ve-

(Continua na 2.ª pagina)

Domingo

Cardeal Dubois — o Chamberlain da Igreja

UM colega telefona-me e anuncia-me a morte do Cardeal Dubois. Ignoro como era apreciado pelos catholicos — simplorios, pelos catholicos de sacristia que só veem na sua Igreja, a Casa de Deus no alto e baixo clero «policemen» das almas que é preciso bem tratar por causa das



CARDEAL DUBOIS

informações que comunicam ao do ceu, á hora da escolha definitiva de residencia; esse velho tão nitidamente estigmatizado no rosto e no olhar, pela energia e pela intelligencia. É muito possivel que essa boa gente, deturpadora das doutrinas de Cristo, desprezando a Existencia em todas as suas manifes-

tações naturaes e belas, por medo da tentação e tendo do sacerdocio a ideia simplista duma missão unica das missas, dos cantos, das festas sacras, das confissões, das absolvições, de distribuir as hostias e perfumar os templos com incenso — o considere, em muda e disciplinada indignação um chefe d'Igreja pouco cumpridor, pouco assiduo precisamente nas exteriorisações que encantam e prendem os catholicos-publico, os catholicos-multidão, e que eles julgam ser o objectivo maximo do Creador ao ter feito a Terra e os Templos.

A Igreja despreza muito menos a Existencia terrena do que a maioria desses crentes. Toda a sua organização é destinada, acertada ou desacertadamente, a estabelecer o equilibrio social, cá em baixo entre os homens. D'ahi o extraordinario aparato politico do Vaticano, a selecção dos elementos, do seu Estado Maior, a enorme, constante, atenta e infatigavel actividade que o alto clero desprende, marginando e procurando sempre sobrepor-se á politica laica á politica dos Reis, dos Governos, dos Parlamantos. A verdade é que a Igreja gasta o melhor das suas horas a profundar e a deliberar, não sobre detalhes ou innovações do ritual — mas sim a orientar-se sobre a politica-social, a politica-politica em que necessita intervir, não só para manter o seu predomínio universal, mas tambem, «acertada ou desacertada-

mente», porque é essa a sua mais elevada missão. E por isso a Igreja dispõe sempre d'um elenco de formidáveis intelctualidades, especializando-as sobretudo na politica. O Cardeal Dubois era um dos mais notaveis politicos da Igreja. Ha dois anos quando pela primeira vez viram aparecer o seu perfil, em sombra chinesa, por detraz da nova politica catolica da França que durava ha mais de cinco, toda ela tite-ritada pelos dedos subtis e ageis do velho Cardeal—houve alguém que o apodou de Chamberlain. Possuia o difficil genio da intriga sem intriga, da conjura sem conjura, da politica sem baixezas. O Vaticano necessitava do governo da Republica francesa, mas não queria por defesa do seu prestigio, alcançar a harmonia desejada, solicitando-a... Em vez de perder 50 por cento do valor de um novo acôrdo feito com uma ponta de servilismo—o Cardeal Dubois conseguiu voltar as costas á Republica, indifferente e desinteressado para vibrar de frente um golpe mortal nos seus mais ameaçadores inimigos que era o grupo monarchico da «Accion Française»; e pondo este no index, prestou um tão valioso serviço á Republica que foi esta quem amigavelmente bateu no dorso da... Politica Católica e lhe estendeu os braços quando ela se voltou, aparentando certa surpresa pela attitude da quasi inimiga cujas boas graças acabava de conquistar com imenso talento—com todo o talento do Cardeal Dubois que acaba de falecer em Paris.

Terça-feira

A Europa vista por um chinês

ACABO de ler um livro precioso, um «vient-de-paraitre» fresco ainda das «vitrines» dos «boulevards» e que um amigo me envia de Paris. Intitula-se «L'Europe et les européens vus par un chinois». Sobre a China tem-se escrito e publicado o suficiente para um individuo medianamente culto formar uma ideia quasi nitida daquele imenso paiz—que é quasi um planeta dentro deste planeta. Têm os viajantes literatos besbilhotado o suficiente para que qualquer europeu conheça os chinezes até á medula do seu lar, á intimidade das suas almas, aos gostos predilectos do seu paladar, á sugidade religiosa dos seus corpos, aos seus vicios mais secretos, á inverosimilhança dos seus amores a frio, da sua sensualidade morbida e dos seus odios tenebrosos. Desde Julio Verne com «As Aventuras dum Chinês na China» que devoramos em creança; desde as histórias emocionantes de piratas e seitas malditas de Edgar Rallitz, até Claude Farrere, Paul Morand, Pierre Lotti, Blasco Ibanez,



Os ratos—o petisco predilecto dos chinezes

vapor para conhecer a China.

Faltava-nos a inversa... Faltava-nos saber o que os chinezes pensavam de nós; como é que nos faziam; que impressões lhes causavam os nossos tipos, as nossas mulheres, a nossa forma de amar e de

odear, os nossos costumes a nossa comida. E esta lacuna está preenchida pelo livro que possuo. Chama-se o seu autor Lin-Hong-Sau. E' jovem, é estudioso e erudito—erudito á velha maneira chinesa; erudito da sciencia chinesa. Com uma nitida fobia pelo Ocidente, negou-se á educação europeia; contentou-se só com o saber herdado dos seus avós, e ignorava quasi o que era a Europa. Veiu até cá premeditando botar livro no regresso, para lição aos seus compatriotas, o que cumpriu.

«As mulheres europeias—francezas, inglezas, espanholas—afirma ele—não são femininas: são masculinas e feias.» Julga impossivel um chinês d'habititos normaes poder casar, amar, conviver matrimonealmente como uma europeia, sem ter a impressão que ama, que casa, que convive com uma pessoa do mesmo sexo. Os homens são grosseiros, tratam-se uns aos outros como os animaes. Desconhecem o encanto da cortezia oriental. Mas, o que mais impressionou, ou antes o que pior impressiona o sr. Lin-Hong foi a nossa gastronomia. «Os europeus comem como os cavalos esfomeados. A sua comida tem um gosto violento... Ao prova-la temi muitas vezes envenenar-me. A forma como eles devoram uma galinha—agonia os estomagos menos sensiveis. Os seus vinhos são alcool puro e a bebida que servem como chá é uma agua suja e repugnante...»

Havia umas cem paginas a transcrever—se depuzesse d'espaco—mas pela amostra se vê a obra, que é pitoresca. Faltou ao sr. Lin-Hong os ratos rechiados com



Os europeus chegam a devorar 10 kilos de comida por dia —afirmam os chinezes

ninhos d'andorinha e os bifes de cão podre com molho de miolos de camelo, grandes petiscos da culinaria chinesa—e porisso: ia morrendo á fome. Admira-se o chinês... que os europeus gostem do tinto ou do branco... Talvez tenha razão... Se não fosse o mau gosto—o que seria do amarelo ou antes dos «amarelos». Amarelo é ele—e encontrou, decerto, alguma chinezinha a quem agradasse...

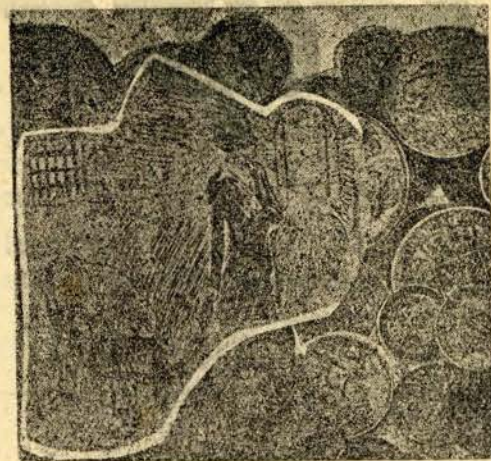
Domingo

Os «cráques» e um romance

inglez sobre Alves dos Reis

A expressão, só por si, enerva... Mas repetida com a frequencia de todas as horas, como está sendo agora, acompanhada pelo cortejo de evocações que provoca—torna-se muifo mais impressionante... Refiro-me á palavra «cráque»... Nos cafés, nos encontros, em todas as palestras, por muito diversos que sejam os assuntos—surge logo a azinhaga dum pretêxto que conduz um dos presentes a dizer: «Vocês já sabem do novo «cráque»?» E já não a pronunciam naturalmente, sem intensões nem exageros de assento... Mo-

nosilabam-na; fazem vibrar o «r» como se fosse uma folha metalica, matraquelam o «e» contra o «r»; espevitam o «a»; aguçam o «q» e o «e»... KRRÁÁ—«que»... «E á gente dá visão imediata da fenda



Um dos desenhos do romance de Philips King

aberta e do descastelar da pedraria de uma catedral... Antonio Ferro afirma que nós vivemos na «Epoca do Jazz-band»; é possível! Mas vivemos sobretudo na epoca dos «cráques»—e o «cráque», pelo ruído que produz era um instrumento a adiccionar ao «Jazz», de cambalhada com o saxofone, o Klaxon, com os guizos, com todo o inferno da orquestra zúlú! Um amigo, que costuma passear por esse Wit-chapel que é a Rua dos Capelistas disse-me hoje:

—Raro é o dia que não nos venham segredar ao ouvido... «Você tome precauções... Temos em breve mais um «cráque»... E' a casa tal...» Á tarde, o segredo que de manhã era apenas cochichado já corre á solta por toda a parte... «Mais um «cráque»! Mais um «cráque»! Você não pode calcular como é que uma lista-negra dos «cráques» em profecia, dos cráques para breve, se dilata todas as semanas... Se ao menos esses agoirentos falhassem nas suas advinhações... Mas não. Infelizmente todos os seus presentimentos anteriores (?) tem tido triste confirmação, mais ou menos ruidosa. Em um ano contam-se, em Lisboa e no Porto, perto de doze cráques graúdos—quasi um por um mez. Está ainda a fumegar o mais recente «cráque» aquele que apesar do silencio protetor de quasi toda a imprensa estoírou com a devida grandiosidade e tem seguido a devida trajetoria judicial... Mas há algo de mais grave: não é á crise, verdadeira ou artificial, não é só á Fatatidade que se pode atribuir esses cráques epidemicos... Todos eles—ou quasi todos—são calculados, fructos legitimos de amores ilicitos entre a cubiça e a falta absoluta de escrupulos; entre a desvergonha e a ambição... E cada vez que rabia um cráque e cae uma casa poderosa—descobrem-se, por detraz das paredes em ruinas, multidões de «homens de bem», de «honradísimos capitalistas», de «financeiros de muito credito e prestigio...»

Tem razão o meu amigo—mas é preciso esclarecer patrioticamente que a epidemia dos cráques não é producto de uma intoxicação monopolizada pelos portugueses: é mundial—como as saias curtas ou como os cabelos á «garçonne» já adoptado pelas proprios gheisas do Japão. Em Inglaterra são tão frequentes os «cráques» fraudulentos—que a questão preoccupa, muito a serio, o Parlamento. O ultimo «cráque» de Londres explodiu num banco presidido pelo Lord Hermesill que se ausentou com... um milhão de libras.

Em França, superabundam as mesdames Hannot e os jornaes humorísticos trazem todos os numeros «caricatures» e «charges» sobre banqueiros presos—como antigamente o faziam com as sogras. Li não



A patroa da casa
(cujo inquilino se escapa duma forma original para não pagar a conta). É a última vez que alugo quartos a um aviador!

sei aonde que só na «Santé» de Paris estão detidos actualmente 28 (!!!) banqueiros e negociantes de 1.ª classe, atirados para ali pelos tentáculos dos seus «cráques». Na Alemanha—os cráques repetem-se com metodo verdadeiramente germanico. Do cráque de Hugo Stinnes ao de Jacob W. Honung—afirma um jornal berlinense—estavam para cima de quarenta cráques superiores a 10 milhões de marcos, cada um. A propria Italia teve dois cráques respeitáveis no ano corrente.

De onde vem a epidemia? Não sou dos mais indicados para este estudo bacteriologico. A verdade é que os cráques financeiros são heranças directas dos cráques de character. A adulação ao dinheiro fez com que os adulares perdoassem aos adulados todos as suas fraquezas, como os cortejos servis perdoam aos infantes mal educados, todas as impertinencias. Estabeleceu-se o convencionalismo de que roubar no commercio, não era crime; que correspondia, na vida dos negocios, ás liberdades de expressão—concedida aos poetas... «Les affaires sont les affaires»... Coloquem agora dum lado a ambição do dinheiro adormecendo escrupulos e só contida pelo temor do castigo—do outro o resto da humanidade resignada e desculpando os ambiciosos sem consciencia: «Vocês comprehendem... No negocio tudo é licito. Os capitalistas não arriscam o seu ouro para o perder...». E isto durante anos e anos... Logicamente que certa zona gananciosa foi progredindo, evoluçionando, cuidadosa e lentamente, ensaiando novos abusos, experimentando novos sistemas, tentando novas ousadias—sem que a combatessem; sem que gritassem por socorro... E assim do lucro desmedido, do juro fabuloso—se chegou a todos os expedientes que são os bacillus da epidemia dos cráques...

Bem sei que o Angola e Metropole não foi positivamente um cráque—e sou mesmo de opinião que a maioria dos cráques dos ultimos tempos se lhe nivela em desonestidade ou talvez seja até mais desonesto... Mas pertence inegavelmente á classe dos grandes expedientes financeiros da epoca—e como tal podemos considerá-lo o mais engenhoso, o mais completo de todos. O folhetim do Angola e Metropole atinge proporções do genio. E tanto assim que a literatura já tomou conta dele. Publiquei ha tempos uma chronica descrevendo o que era a comedia que dois escritores holandezes compuseram com o titulo de «Notas Falsas» e estreada no Teatro Municipal de Amesterdão. Agora surge-me um romance publicado em Londres «The Alves Reis Mystery», original de Philips King. É uma fantasia curiosa e pitoresca—sobre-

tudo porque o autor, não conhece Lisboa e inventa uma Lisboa ao seu gosto com metropolitano e toureiros a passear pelas ruas, com «traje de luces» e espada á cinta. E para cumulo do desaforo, num dos principaes capitulos, descreve uma revolução e apresenta Alves dos Reis, fugido da penitenciaria, chefiando uma guerrilha de presos que ele libertou e com a qual tenta apoderar-se do governo, sendo ferido e salvo pela esposa... Por esta amostra veem os leitores o que é o romance do sr. Kings em cujo prologo diz: «Limite-me apenas a contar a verdade deste extranho caso de Alves dos Reis. A minha imaginação não intervem nesta obra!»
A Inglaterra sempre tem cada intrujão!!!

REPORTER X.

O poeta Antonio Botto

(Continuação da 1.ª pagina)

zos caluniosas, pelo prazer cruel de fazer rir os parceiros mesmo ao preço duma calunia... Já o meteram numa revista... Os jornaes humorísticos picam-no de «charges...» E ele, indiferente quando a sua popularidade se torna grosseira; disfarça uma ponte do vaidade quando se sente discutido, popularizado, notado, saliente na lisura monotona da vida portugueza. Compõe versos admiráveis; já cantou o fado, vestido de fadista no Teatro de S. Luiz; frequenta salões mundanas e põe

Este numero foi visado pela Comissão de Censura de Lisboa

nas montras os seus retratos extravagantes, ora encasacado ora semi nu, como um jovem faune em pose para qualquer escultor helenico... Magro, diafano, louro umas vezes, outras moreno—Botto já pintou os cabelos, por capricho, eternamente efêbo recordando um pagem florentino, movendo-se ao «ralanti» numa lassa expressão de cansaço, abrindo muito os olhos redondos e apertando muito os labios até comprimir a boca num coração de carta de jogar, desconcertante nas suas teorias e misterioso propositadamente—ele criou só para si um tipo de beleza estilizada masculina, uma estetica moderna rimando como nos versos, a sua pessoa, os seus factos e a sua vida. Que é affectado? Menos do que se julga. Ele não será bem o que quer parecer; mas gostava de ser assim...; é portanto sincero—mesmo quando é artificial. Ignoro se é fidalgo ou se é plebeu; se é verdade ou mentira o que dele se diz... Sei apenas que é um grande poeta e um subtil luctador da vida. Ambicioso e pobre—quiz vencer; quiz que o seu talento fosse temperado pelo ouro da gloria e lhe desse celebridade e uma existencia comoda. Conseguiu-o—embora para isso sacrificasse muito do seu amor proprio; embora se tivesse de tornar em herodes mil anedotas que correm a seu respeito... No fundo os que julgam desfrutá-lo, troçá-lo—são troçados e desfrutados por ele por que ele tem muito mais talento do que os outros... Mas o seu maior orgulho era a sua propria pessoa—o tipo creado pela sua fantasia de esteta... A

doença suspendeu temporariamente essa obra... Temporariamente Antonio Botto não é o Antonio Botto não é... o Botto que ele tinha sonhado. Que tremenda tragedia dia de pudor de si proprio, de tristeza e de angustia a desse moço, fechado, isolado num quarto de pensão, a fugir dos espelhos, a fugir de toda a gente... porque a doença, temporariamente perturbou a sua beleza... E' como se tivessem feito auto de fé de toda a sua obra de poeta;

—Tens razão—disse—Não devo ir visitar Antonio Botto...

“Pele Melle”

(Continuação da 1.ª pagina)

conduzir a sua voz suplicante até junto do Creador!!! Havia, a par da logica religiosa do seu desejo em possuir uma padroeira—um vago sentimento de vexame... Todos os outros, até os *baccurs*, já estavam apadrinhados e eles não?! Não podia ser! Os automobilistas não eram mais do que os radio telegrafistas! Reuniram, discutiram, deliberaram, escolheram... Ficou sendo Santa Jeana—a virtuosa *puccelle*, a Jeanne d'Arc, virgem, heroína e martir—a padroeira da radio telegrafia! Acho acertada a escolha... Jeanne d'Arc, pastora analfabeta salvou a França porque recebeu ordens celestias para abandonar o seu rebanho e partir para os campos da batalha... Não seria um milagre—o inicio da T. S. F.? Outra noticia, antiga talvez, mas que só hoje se quiz aboair do meu conhecimento... Casou-se em Paris um dos nossos mais fortes romancistas, um dos mais puros e fanaticos cultores do idioma portuguez, Aquilino Ribeiro—com uma filha do dr. Bernardino Machado—ex-presidente da Republica. O acontecimento em si duplamente respeitavel—pelo valor moral e intelectual dos dois consortes e pela grande amizade que me liga a Aquilino Ribeiro—não teria outro comentario que da classica profecia da ventura se não fosse a coincidência de eu tomar conhecimento d'ele no mesmo tempo que leio no *Matin* a noticia do casamento da filha de Abyr-Din, sha persa, exilado em Londres, com o poeta turco Djaroel o *No Tempo*, de Berlim, a do casamento de uma filha de Galles, presidente quasi... desterrado do Mexico com o jornalista guatemalteco, Julian Abruño y Salis... Mas a coincidência, corria-se em antecedentes mais curiosos ainda... Alexandri, presidente do Chili, casou sua filha em Mhão, com o romancista chileno Inacio Ropino Sull, quando estava desterrado; desterrado estava Estrada Cabrera, presidente da Guatemala quando sua filha casou com o jornalista espanhol, muito conhecido em Lisboa, Pedro Gonzalez Blanco; desterrado estava o Rei Nikitas de Montenegro, quando casou a sua filha Nata com o reporter Norte-Americano William Ranck; exilados estavam o presidente Castro da Venezuela e o rei Constantino quando casaram as respectivas filhas com o poeta peruano Santos Chocano e um o escritor grego Talmarakas...

Esperem... Hoje é sabado... Faltam tantos assuntos ainda para tratar... Durante a escolha—apontados sobre a secretaria... Zolá dizia:—«Fechem-me no meu gabinete e lanço a chave pela janela fora. Ficamos só os dois—eu e o trabalho. Dentro de pouco tempo o trabalho devora-me—e depois... depois não fica mais nada! Mais nada». Pois bem... Já conversamos... Vou fechar agora para que o trabalho me devore tambem... E' que hoje é sabado...



Um episodio na praia:

A da esquerda para a da direita: volta-te e vê se me está a olhar; so ele não me está a olhar então não te voltes...

ALFAIATERIA AMARAL
DE
C. Ferreira Amaral
R. Sá da Bandeira, 314
PORTO

Sempre o melhor sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.
NOVIDADES.

REPORTAGEM DO DIA

"O homem das libras de louça"

(Segunda e ultima reportagem)

Espionagem e contra-espionagem em Portugal. — «Os soldados da Noite». — Do gabinete secreto de Cromwell ao "Intelligence Service". — A "geradora" de S. Sebastian. — Os projectos do general Shultz. — Os submarinos pacificos. — Onde aparecem as primeiras libras de louça. — O caso do Palace Hotel de Madrid. — O Homem do Aniz. — Os dois provincianos da Rua das Flores. — O "dossier" do Dr. F. C. — O B. n.º I. — Os coletes... de fantasia. — Os dois mandatos de captura. — A fuga. — A prisão do policia ou os documentos... alados. — Ainda o "dossier" do Dr. F. C. — A casa de Vigo, a casa do Porto e a lista negra. — O remate.

"Vous avez bien fait d'écrire ces livres. On fait toujours bien d'être conra-jens: c'est sa conscience qu'on grandit."

Stéphane LAUZANNE o príncipe dos reporteres francezes, um dos directores do «Matin», numa carta preambulando «Les Dessous de l'Espionnage anglais.»

FINALMENTE... Vae cair o pano sobre esta agitada «feerie» que se intitula o «Homem das Libras de Louça». Se vos disser que é com alívio que me assenta á secretária, que desembaralho á minha volta toda a papelada com tanto esforço e paciencia reunida—todos os livros que me quizeram emprestar, com carêtas e temores, talvez justificaveis—e que acavalo os meus dedos na caneta para galopar na «steppe» nevada do papel branco—não vos mintio. Se vos afirmar que ante-gozo com delicia a ideia de dar a volta á chave, com os rabiscos do meu pseudonimo, na ultima folha como sinal que rematei a reportagem—digo-vos a verdade... Se vos insinuar tambem que não me surpreenderia ver surgir entre o manuscrito e a impressão, ou entre a impressão e a venda ao publico novos atritos, á laia das cancelas que fecham a passagem de nivel, quando mais pressa temos em chegar—tão pouco mentira... E' que são dois mezes de esgrima, sitiado de espadas—e de navalhas—e por muito mosqueteiro que me sintia ainda—vem o cansaço, não o cansaço do braço que floreteia, mas da alma que se revolta contra a traição e contra a cilada, quando se combate sem malhas, sem trucs e sem guarda-costas...

Mas... em suma: quebrems os dentes aos alviçareiros da «minha venda» a tanto por kilo de silencio, ou por metro de consciencia—aos que faziam apostas em que eu não publicaria o segundo e ultimo artigo; tranquilisemos os sinceros que «sinceramente» temiam o primeiro fracasso da minha carreira. Durante estes dois mezes de silencio não lhes respondi—por entender e bem, que a unica resposta digna era esta: era cumprir o prometido; era publicar o artigo que hoje publico... Quanto aos outros, já lhes respondi de mais; já me arrependo até de ter sido cruel em excesso pelo modo como os levei ao espelho e lhes denunciei o irresistivel e ridiculo aleijão mental e moral... Esses são como os sorvetes dos quiosqueiros populares: parecem solidos, na sombra—mas mal lhes toca um pouco de sol derretem-se e transformam-se numa poça d'agua imunda.

A Contra-espionagem em Portugal

PORTUGAL, foi dos poucos paizes belligerantes—ou talvez o unico—que não teve essa defeza subterranea a que se chama «espionagem». Não a teve durante a guerra—porque em tempo de paz nunca a organisou nem se preparou para tal. A espionagem é uma arma d'Estado das mais graves e das mais importantes. Muita gente julga que a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Italia—e as proprias nações minusculas—como a Belgica, a Holanda, a Suissa só se lembram de Santa Barbara quando ha trovoadas... E não é assim. Todos os governos possuem uma organisação permanente de espionagem, quando mais não seja, de contra-espionagem, conforme a sua grandeza, a importancia internacional da sua politica; o diametro das suas ambições; as suas ameaças historicas e patrimonio que teem a guardar. A espionagem—T. S. F.—humano—é velha de seculos. A mais antiga, a mais celebre, a que nunca se ensomnou nem mesmo na paz, nem agora, nem nunca—é a de Inglaterra. «Intelligence Service» se intitula—e está instalada em Londres no n.º 10 de Dowling Street... Mesmo antes de 1914, mesmo agora em 1929, o seu recrutamento era, foi, é de milhares de agentes espalhados pelos cinco continentes e que, segundo o «Times» informava em 1925, custa ao Estado mais de cem milhões de libras por ano! E é por isso mesmo, e porque, desde Cromwell, seu creador no seculo XVII, até 1914, em todos os periodos de paz o «Intelligence Service» tem funcionado ininterruptamente—que a Inglaterra apresentou o mais pasmoso serviço de espionagem durante a Grande Guerra—graças ao qual poupou muita vida e recompensou muita deficiencia da improvisada organisação do seu exercito. E' ainda graças ao «Intelligence Service» que a Inglaterra domina, como soberana—imperial do planeta... Veneza guiava o mundo e vencia os fortes porque em vez de exercitos de soldados tinha guerrilhas de espíões—disse uma vez o famoso incendiario da revolução de Alfagnistã, o capitão Lawrence—um dos azes do «Intelligence Service». Portugal

que, geografica, politica, diplomatica e colonialmente, é um paiz que necessitaria de uma brigada activa e inteligente de «Soldatti della sera»—soldados da noite—; que precisava estar prevenido a tempo contra todas as exteriorizações de cubica que se esboçam sobre as suas colonias (para só falarmos das colonias)—dispunha, antes da guerra, dum ridiculo orçamento de «300 escudos» «(!!!)» annaes... para informação secreta. Arena das mais populosas dos «homens-rádios» durante a guerra—encontrou-se desprevenido para contra-atacar e para enlaçar as manobras sombrias dos espíões que em seu territorio agiam por conta do inimigo. E foi esta a razão porque tanto a França, como a Inglaterra e os Estados Unidos, surpreendidos pela nossa confissão secreta de nada possuímos no genero, correram a expedir-nos delegações policiaes (?) para defendendunos, defenderem os interesses comuns dos aliados.

Aparentemente, (quero dizer: com menos reservas e menos discrição) eram os americanos que faziam o policiamento de contra espionagem. Um coronel e um contra-almirante chefiavam duas repartições sherlock-holmescas: uma (já por mim citada varias vezes) na Rua do Alecrim; a outra na Rua Arco da Bandeira—Rocio. Mas o «Secret-Service» norte-americano está e esteve sempre tão longe da perfeição secular do «Intelligence Service» (não esquecer que o «Intelligence Service» foi creado por Cromwell, no seculo XVII para blindar a sua politica contra a espionagem de Rechilieu) que aquele nunca se ruborisava em solicitar, quasi permanentemente, a colaboração, os conselhos, a experiencia, todos os alçapões do «Intelligence Service». Estava tão nitida esta superioridade que, emquanto as duas delegações norte-americanas eram conhecidas de toda a gente—poucos sabiam da existencia da delegação do «Intelligence Service» em Portugal, embora esta pilotasse brigadas de agentes muito mais numerosas do que os outros e emprehendessem emprezas muito mais violentas e frequentes.

O «Secret Service» americano tinha, alem do coronel Briker, e do contra-almirante, do Mac-Hado, do Dupim, dos te-

nentes Swanson, De-Mari e de outros detectives yankees, bastante pessoal português. O «Intelligence Service» — seguindo o seu sabio metodo, poucos portugueses arregimentou. Baldy Belem, que é, sem duvida o mais educado, o mais inteligente, o mais conhecido, o mais internacional dos policiaes lusitanos — foi dos poucos agentes de Portugal que mereceram confiança do recrutamento do I. S. Para se orientar sob o ponto de vista local o I. S. servia-se de dois elementos: um era o improvisado corpo de contra-espionagem nacional, instalado no Ministerio do Interior e chefiado pelo tenente sr. Moutinho d'Almeida; o outro reunia subditos inglezes com longa residencia em Portugal, mobilizados militarmente e que militarmente ficavam prestando serviços informativos aos invisiveis delegados do I. S. Muitos comerciantes bastante conhecidos nas praças de Lisboa e Porto, defendiam a patria contra o maquiavelismo da espionagem alemã.

O centro da espionagem alemã em S. Sebastião

Eram oito os grandes centros da espionagem alemã na Europa: Haya, Copenhague, Stokolmo, Berne, Barcelona, S. Sebastião, Madrid e Vigo. Dos agrupamentos acampados no reino visinho — o de maior acção era Barcelona — mas o chefe supremo que dedilhava todas as cordas conductoras não só da Espanha como as da propria França — residia em S. Sebastian. S. Sebastian era — como direi? — a ponte do piloto; a torre do farol; a cabine do operador maximo. E esse operador maximo, esse farol, esse piloto era, nada mais nada menos do que o general Shultz. Para que o Estado Maior alemão abdicasse, assim, dum dos seus mais preciosos estratagemas, afastando-o do campo da belligerancia, onde podia prestar miraculosos serviços, graças á sua sciencia e ao seu talento, para o ter «camoufflé», aparentemente pacifico, numa praia dum paiz neutral é porque a missão a cumprir era digna dele; é porque a obra a realizar valia tanto — como a do xadrez de fogo e morte, nos campos de batalha.

Até 1925 ignorou-se quem era o chefe da espionagem de S. Sebastian — o V. I.º —; fantasiavam-se varios folhetins — mas ninguém podia supor que fosse o general Shultz em pessoa. Só naquele ano é que a verdadeira personalidade do maquiavel de S. Sebastian foi desmascarado — graças ao livro de Robert Bucard — «Les dessous de l'espionage anglais» — e este jornalista francez soube-o porque conseguiu vasculhar os segredos do I. S. Quer dizer que toda a gente ignorava que era o general Shultz o V. I.º — toda a gente — menos o «Intelligence Service» de Londres que nunca o disse — nem sequer aos chefes das espionagens aliadas. Porquê? Ignoro-o...

Está provado que, o que derrotou a Alemanha não foi a superioridade numerica dos exercitos aliados ou a fadiga dos seus soldados — mas sim o problema da alimentação. As primeiras falhas do abastecimento das trincheiras esboçaram as primeiras revoltas que deviam levar o Estado Maior á supplica do armistício e o imperador a fugir para a Holanda. Contra todos os imprevistos estava o Imperio preparado; contra todos os assaltos da Fatalidade se podia defender — mas nem a sua grande força de vontade, nem a sua galvanica energia; nem a sua sciencia, nem o seu extraordinario patriotismo resistiam á opressão da fome. E a fome, producto do

bloqueio e do prolongamento da guerra para alem de todos os calculos era um problema sem resolução. O pão sintetico; os ovos quimicos; os bifes vegetais — todo o ilusionismo dos seus alquimistas não chegavam para iludir o estomago do povo e do exercito. E esse problema que derrubou o castelo das ambições alemãs em 1918 — era já previsto pela prudencia scientifica dos seus dirigentes em 1916. Dois anos depois da invasão da Belgica e a dois anos de distancia do armistício — já a Alemanha se preocupava, séria e gravemente, com o seu abastecimento.

Encarada de frente essa hipotese, desde 1916 que se criou em Berlim um «comité» permanente para estudos de rijo ataque á crise ainda em esboço; e esse «comité», conhecido no Estado Maior do Exercito sob as iniciaes de «K. R. W.» (cujo significado ignoro mas que estão registados no livro de Erik Von Bruckler — traduzido em francez sob o titulo de «Coulisses de la guerre, á Berlin», Editions France, 1923) requisitou duas collaborações; uma, do serviço secreto, ou seja, da espantosa engenharia de espionagem; outra do Ministerio da Marinha, dos serviços de submarinos. E a partir d'então um grosso de brigadas de espiões e um bom numero de submergíveis foram desviados dos serviços de guerra, das informações militares e dos ataques a navios — para se dedicarem exclusivamente á conquista de generos alimenticios, fosse como fosse, quer em terra neutra quer em terra inimiga e transportado para «Alemanha», por debaixo da toalha oleosa, revolta e azul do oceano,

O JORNAL DO REPORTER X
FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA ÉLITE
RUA FERNANDES TOMAZ, 958
PORTO

destinando aos mesmos armazens que o «comité» K. R. W. mandára construir com esse objectivo.

Emquanto os soldados se batiam nos varios «fronts»; enquanto os espias da guerra prescutavam os segredos dos varios quartéis generais; enquanto dois terços dos submarinos praticavam o «sport» livre de caça aos transatlanticos — outros espiões iam organizando habilmente o commercio do trigo, do milho, das batatas, dos ovos, do vinho, que ¹/₃ da esquadra submergivel recolhia pela calada da noite e desembarcava em Kiel, em Emden, em Cuxhaven, etc... O general Shultz, o chefe supremo da espionagem alemã em S. Sebastião era dos mais activos realizadores deste projecto. Multiplicava o numero dos seus agentes; expedia-os para os quatro cantos da peninsula para realizar todas as transacções; combinava a melhor forma de embarque; e ao ver que, em terreno espanhol toda a sua mecanica funcionava num ritmo prodigioso olhou para Portugal... E porque não? Portugal era já, podia dizer-se, um inimigo. Mas mesmo assim — quem sabia?...

E ao mesmo tempo que o General Shultz começava a estudar a forma de retirar de Portugal, o maximo proveito para o abastecimento regular da Alemanha — da Alemanha comunicavam-lhe a seguinte noticia: «que era admiravel a rapidez com que os projectos do K. R. W. tinham sido postos em pratica — mas era preciso ver que o tesouro alemão estava sendo

continuamente descarnado pelas despesas da guerra — e aquella forma de se abastecer, apezar de ultrapassar todas as perspectivas e todos os optimismos, ficava-lhes por um preço calado...». E, em grande segredo e sem o comentario, para alivio de consciencia de que, «em tempo de guerra não se limpam libras», avisavam-no de que...» receberia em breve um carregamento de libras de porcelana e de «orxux», — (o «barro metalico») — já usado com grande êxito na industria de «Cameletes», alemã dum toque identico ás de ouro, apenas ligeiramente menos pesadas (diferença inferior a um grama) d'aspecto convincente, verdadeiro producto «Made in Germany», fabricado numa fabrica de bugigangas, mobilizada pela guerra — Fitcher und Fraun, Köln Strasse 44 a 48, Dresn. (Todas estas indicações exactas sobre as libras de louça estavam num «dossier» da policia de contra-espionagem, «copia» de uma «copia» obtida pela celeberrima espia Flora da Intelligence Service, destacada em S. Sebastian para vigiar o general Shultz e que os obteve cedendo á paixão voluntariamente provocada num dos ajudantes daquele espia-chefe — o tenente Von Mütcher. (Tudo isso está confirmado por Robert Bucard no seu já citado livro, pag. 144 a 146).

...Que perdoem os leitores o comprimento deste prologo, indispensavel para se chegar, atravez da historia exacta dos acontecimentos — exacta e com provas ao alcance de qualquer pessoa — até ao momento do general Shultz se resolver a invadir Portugal para aquisição de generos alimenticios, destinados ao abastecimento interno do seu paiz — resolução simultanea, quasi, ao inicio da burla das das libras de louça e de «orxux».

Como foi que o General Shultz organisou os seus serviços em Portugal

«...um verdadeiro chefe militar nunca deve diminuir o valor do inimigo que derrotou — porque, quanto mais valoroso foi esse inimigo maior foi a sua vitoria.»

(Trecho duma carta do marechal Hindenburg, actual presidente da Republica alemã, dirigida a um official portuguez.)

Não houve defeito no legitimo rancor com que a tragedia da guerra sacudiu os povos violentados, que não se apontasse, em caricatural exagero, aos alemães. Um espirito viciado de justiça como é o meu, nem no côma do odio, transige com essa cegueira. Isso de se dizer que os alemães agiram, nos quatro anos de sangria, apenas chicoteados pelo vampirismo e defendidos por assaloiadas mãbas, muito ao contrario de os apoucar a eles, deprime quem tal proclama — porque equivale á confissão de que que qualquer saloio com palonça esperteza nos burla... Não! Os nossos adversarios atacaram e d' fenderam-se com armas temperadas espiritualmente por alfajemes de genio — e só assim nos podemos absolver de termos caído em tantos os alçapões que cavaram a nossos pés. Se ha imperfeição no seu jogo — a rigidez demasiado mecanica dos seus processos, a falta de flexibi-

PARA A CABELA
PETRALHA FIGUEIREDA
lira a caspa e evita a queda

lidade que é a intuição que conduz ao exito infalível a espionagem franceza e que, os agentes britânicos, por não serem latinos, não dispõem mas substituem pela ginastica da escola de espías — «The Spy School» — de Devonshire (em Devonshire funciona uma especie de universidade onde os agentes da Intelligence Service aprendem a ser Sherlock Holmes como em Coimbra se aprende leis, medicina, filosofia e teologia...) ha, em recompensa, uma tenacidade e um desprezo pela morte que os agiganta.

O Maquiaveli de S. Sebastian, ao resolver escamotear de Portugal as mercadorias de que necessitava — não lançou, grotescamente, compradores desmascarados que percorressem o paiz e que entrassem nta lojas com o rol na mão; e que, feitas as compras dissessem aos vendedores: «Agora, façam o favor de levar isto a um submarino que, logo á noite, deve apparecer a tal distancia de Espinho, da Povoia de Varzim, de Viana do Castelo ou de Vila do Conde...» — com a mesma naturalidade com que tu, leitor, a um sabado ou numa vespera de festa caseira dizes ao merceiro: «Mande-me esse queijo, esses bacalhaus e esses figos lá a casa...» E' preciso ser justo — e sendo-o temos de reconhecer aos nossos inimigos improvisados de 1916 uma intelligencia respeitavel...

O general Shutz começou por colher uma informação detalhada e completa sobre firmas espanholas que estivessem em estreitas relações com firmas portuguesas «fosse qual fosse o seu ramo de negocio» (e esta largueza de vistas tinha a sua razão de ser). Shutz teve uma surpresa: a surpresa da insignificancia do intercomercio entre as duas nações que ele julgava mais enlaçadas, economicamente, pela logica material e geografica da vizinhança. Esta indiferença comercial, prejudicou em grande parte os planos de Shutz — que vin limitar-se a uma dúzia de empresas espanholas o campo de experiencia para ligação indirecta com Portugal. Este por menor não é, como talvez supunham uma simples dedução, uma aritmetica do raciocinio: está escrito e publicado um livro de memorias deixado por Schultz (ou Shultz, visto que o nome do general nas duas ortografias tem apparecido). Esse livro, ainda ha pouco nas montras da «Bertrand» traduzido ao francez, diz assim, na pagina 123 (capitulo VIII): «E' digno de registo o romantismo patriótico dos povos ibericos que, por reflexo historico se esquivam até a acordos praticos de mutuo interesse só porque, em eras já diluidas na memoria, se combateram ferozmente. Este capricho sentimental dificultou sempre a minha acção quando, de Epanha quiz agir indirectamente em Portugal».

«Agir», na pena de Schultz, quer dizer «espionar» ou «comprar mercadorias para abastecimento da Alemanha». Mas o que me interessa, nesta altura da reportagem, é oferecer aos leitores as indicações referentes para a prova dos 9 desta operação-jornalística. Ora bem... Schultz, enfrentando as poucas casas espanholas com relações directas com similares portuguesas — procedeu como era prudente: principiando o «toque de ensaio» pelas que, por experiencia ou palpa, julgava de mais facil transigencia e simpatia perante o jogo alemão. Trez se destacaram nessa relação e ás trez se dirigiu, não abruptamente, grosseiramente — mas com toda a prudencia, iluminando bem o caminho que pisava para tornar impossivel uma escorregadela que inutilizasse irremediavelmente os planos gizados. Uma dessas sociedades tinha

a séde em Madrid; a segunda em Barcelona; a terceira em Vigo. (Podia, graças a varia papelada revelar-lhes «a razão social de las trez» — mas prefiro prosseguir com a mesma generosidade, embora seja facilimo, guiados por estas indicações e consultando a lista negra de 1917 (sobretudo a ingleza) saber a que firmas me refiro.) O processo diplomatico da experiencia era favorece-los, aparentemente, com valiosas transações, pretexto para entrar na intimidade dos gabinetes da gerencia. Obtida esta intimidade — iniciaria a confidencia, lançava-se com o ar de quem não quer a coisa, a hipotese de um chorudo negocio com a casa portuguesa — de quem eram agentes e representantes; — e ao vêr os directores espanhóis tentados com a visão dos lucros (nessa época lavrava a epidemia das fortunas rapidas; era como que a California de 1850 em que a terra esguichava ouro para os olhos dos aventureiros) propunha-se a viagem dum deles a Portugal para directamente se explicar que nenhum risco havia em vender milho, ou trigo, ou qualquer genero alimenticio, visto que eles garantiam um capoté tão espesso e uma mascara tão habilmente afivelada que nem os faquires seriam capazes de adivinhar o negocio...

A casa de Madrid — representante de uma firma portugueza (é absolutamente verídico) negou-se, sem vacillações á tentativa, dizendo: «Nós, como neutros, podemos, sem ferir a consciencia, negociar com os senhores ou com os francezes — mas não queremos, nem ao de leve, induzir amigos nossos, com uma situação nacional oposta, a um acto que reprovamos sem uma atenuante». Pressionados em Madrid — ordenaram a uma das muitas celaias de Barcelona (á do falso barão de Z..., instalada no Carrer de Aragon 220, onde hoje está instalada a redacção dum jornal) para fazer a experiencia com a tal empresa ligada ao nosso paiz. Esta não teve os escrapulos da madrileña e foi um dos socios quem, pessoalmente veio ao Porto «apalpar» a casa de que era agente. A corrida foi em pélo (perdoem-me o plebeísmo) e por isso mesmo não me esquivo a dizer o nome do socio da firma portugueza que conferenciou com o agente de Barcelona e que, por tal forma se indignou que desfez immediatamente todos os mutuos compromissos existentes... Esse portuguez honrado chamava-se — e chama-se porque, felizmente vivia ainda ante-hontem que, por um acaso e após cinco anos de não nos vermos, comigo, tomou café, na «Brazileira» do Rio: o sr. Raul Cabral Junior, actualmente proprietario de um cinema no Rio de Janeiro e de passagem por Lisboa.

O general Shutz agotrava mal o seu projecto, após as duas derrotas — e, enquanto estudava um processo novo de vencer na terceira e última tentativa (a tentativa com a casa de Vigo) enviava a Portugal varios «indicators» de nacionalidades insuspeitas — espanhoes, argentinos, holandezes, prevendo já um fracasso total e substituindo o sistema indirecto pelo de compra directa. Essa brigada que operou quasi exclusivamente no Minho, de 1916 a 1918, era chefiada por Fritz Schickler, alemão, official de engenbaria destacado no serviço de espionagem, irmão de Hans Schickler, chefe da espionagem germanica em Berne (veja-se o livro de Robert Baurcard — «Les Dessons de l'Espionage anglais», 2.ª edição, capitulo 8.º «Le Cambriolage du Bureau de Post de Berne» — pags. 52 e 53) e que, por um triz, não caia nas mãos do agente portuguez B. B., ao serviço inter-aliado da I. S. por occasião

de uma descida que fez a Lisboa para conferenciar com varios elementos que manobravam na capital.

Se, para lisonja nossa, houve dezenas de portuguezes que nem sequer consentiam entabolar conversa sobre o assunto — conforme indicamos, tambem houve outros e não poucos, que se deixaram tentar pelas promessas licorosas de fortuna rapida que os agentes de Shutz lhe descreviam... Traidores houve sempre, traidores tiveram a Franca e a Belgica, os dois paizes mais espesinhados pela guerra... Não é pois motivo para vestir luto a saber-se que os alemães encontraram fornecedores de generos alimenticios em Portugal, tanto mais que não existia bem vincadamente, no espirito bronco de certos agricultores, o sentimento de repulsa pelo inimigo, distante e ignorado, e que, os espías empacotavam as suas propostas em tais envolveros, que, os seduzidos podiam, com certa elasticidade de consciencia, convencerem-se de que não cometiam uma falta grave, transaccionando com eles.

Onde e como se faziam as compras — é facil de reconstituir pelos vestigios deixados. Como os artigos adquiridos passavam para as mãos dos alemães — tambem não é difficil visionar pelos elementos que se dispõe: uns — poucos — passavam para Espanha, cuja fronteira estava esburocada de trucs e untada de auxiliares que faziam deslizar suavemente o contrabando mais pesado (assunto que espero ainda um dia desvendar, com pachorra); outros eram levados para a orla do oceano e conduzidos depois por pseudo-pescadores para o alto mar, onde, em pontos, determinados e a horas convencionadas surgia o dorso metalico dum submarino que os recolhia e

Um grande escandalo

É IGNORAR QUE A

M
U
R
A
L
I
N
E

É A MELHOR TINTA A ÁGUA
Mario Costa & C.^a, L.^{da}
Rua do Almada, 30-1.º - D. — PORTO

es levava para a sua querida Deutchland. O que constituía sempre um sólido misterio ainda por liquificar em absoluto foi o local ou locais onde os artigos, comprados avulso eram armazenados até à distribuição pelos barcos que os conduziam ao mar e peles contrabandistas que os carregavam até à Espanha... Ora esse misterio enfileira-se na segunda "étape" da organização de Shutz em Portugal, ou melhor, agrupa-se a essa organização, a partir do dia em que a empresa comercial-financeira de Vigo, de acordo com a sua representada de Portugal, unificou os serviços de abastecimento para Alemanha.

O "Intelligence Service" e as libras de louça

O capitão De—Masi (capitão ou tenente, não me recordo bem) do "Service Secrete" americano, amigo íntimo do sr. José Silva Graça, filho, meu director então em "O Seculo" convidou-me naquela vespera de Natal a ceiar com ele e com varios amigos no hotel-pensão em que vivia com a esposa — uma intelligentissima e aristocrática dama polaca — na Rua D. Pedro V. A essa ceia assistiram varios adidos militares estrangeiros, funcionarios do Ministerio dos Extranjeros, jornalistas portugueses e um official do nosso exercito, o tenente Albuquerque, que foi ajudante de Sidonio Paes e que se suicidou depois. Nessa ceia ouvi falar pela primeira vez nas libras de louça. Os agentes da "Intelligence Service" (espionagem inglesa) que manobravam em Madrid tinham sabido pelo "maître" dum dos "Palace-Hotel" da capital espanhola, seu colaborador, que na administração daquele hotel se tinham apparecido varias libras, seductoras ao primeiro olhar mas que não resistiam ao exame dos peritos... umas pareciam de louça...; outras eram de "orxux". Pediram os espões ingleses que se calasse com a descoberta a troco de libras de ouro autentico — coma condição de lhes indicar quais os hospedes que costumavam pagar com moeda britânica. Eram diversos — e difficilmente se podia apontar aquele donde vinham as libras suspeitas.

Fixou-se um agente nos escritorios do hotel — e a cada pagamento que, feito em libras, ele chamava para as examinar uma por uma. Durante duas semanas nada apurou. Ao começo da terceira appareceu uma — vinda das mãos de uma dama loura, de nacionalidade holandesa, recém-chegada da costa vasca. Assinada a dama e confiada á vigilância d'outro agente — continuou o I. S. a sua missão no hotel á espera de mais. Durante um mez — outras libras "camelotte" appareceram — e sempre em liquidação de contas de viajantes que vinham ou da Galiza, ou das Vascongadas, ou da Catalunha ou da Andalusia... Sempre da orla maritima... Entretanto, a rede do I. S. constava uma certa frequencia da mesma fragil moeda em outros ramos de negocio — infalivelmente provenientes de individuos que vinham das cidades visinhas do mar!... A' maravilhosa organização da I. S. não faziam falta outros dados para determinar a origem daquela invasão: em todos os pontos de Espanha onde se faziam fornecimentos clandestinos para Alemanha (os quais, já sabiam, eram pagos em moeda inglesa, sal-

titavam... e, por vezes, estilhaçavam as libras falsas. Outra qualquer espionagem que não tivesse a sciencia e a experiencia do I. S. aproveitava-se precididamente desta descoberta para pescar na mesma boiça, dezenas de «soldados do silencio...» Mas a I. S. — muito antes pelo contrario — contentou-se em holofotear as pessoas que se comprometiam com as libras de louça ou de «barro metalico» deixando-os em paz e servindo-se do registo do seu aparecimento em qualquer parte como admiravel pegada de transações com o inimigo. Por toda a parte os agentes da I. S. procuravam saber quem «tinha libras»; quem «recebia libras»; uma vez averiguado — esforçavam-se para as ver secretamente tentando o exame por um processo que, no caso de serem libras... «de verdade» as não danificasse; quando uma se quebrava ou se amolgava facilmente ficavam sabendo: 1.º — que o seu possuidor, directa ou indirectamente negociava

com os alemães; 2.º — que naquela terra — cidade, vila, aldeia — tinha passado ou existia uma brigada de espões de Shultz ou Shultz e que, se estava á beira-mar, os submarinos a visitavam com frequencia. Bastaria esta ultima vantagem para lhes merecer a pena não atormentarem nem eliminarem (mesmo em psizes neutros as duas espionagens, a dos aliados e dos alemães, «eliminavam os elementos contrarios cuja acção os prejudicava) os traficantes com o inimigo.

Pouco depois desta descoberta feita em Espanha os magos supremos de Thibet de Downing Street comunicavam ao governo que na Holanda, na Suissa, na Dinamarca... e que na propria França tinham apparecido libras de "camelotte" e que o resultado das investigações naquelles paizes era gemo ao dos agentes destacados na peninsula. Era a rectificação irrefutavel! Imediatamente o I. S. comunicara-o ao "Service Secrete" Americano... E naquella ceia de natal, o capitão De—Masi, palestrando com o tenente Albuquerque que, coitado já lá está, e com um outro official portuguez, então meu visinho na Rua Antonio Pedro e comigo, perguntou-nos.

— Querem saber a "ultima" dos "boches"?
E foi assim que pela primeira vez, ouvi falar nas celebres libras.

NO PORTO

Uma grande iniciativa d'uma popular casa comercial, desta cidade.

Ha já muito tempo que se vem adoptando, o sistema de vendas de varios artigos, com facilidades de cotização semanal, sistema este que foi agora enriquecido com a contemplação immediata por meio de "bonus".

Cabe a proposito dizer-se, que a conhecida Casa dos Lanificios Ingleses, da Travessa do Grande Hotel n.º 28, da qual são seus proprietarios os Srs. Amancio P. da Silveira & C.ª Lda., cuja popularidade representa a consagração dos portuenses, a uma obra a todos os titulos simpatica, adquiriram dois magnificos automoveis não se abstenendo da sua aquisição apesar do seu elevado custo. Attitude assás simpatica, na qual demonstram a sua probidade comercial.

Para melhor avaliação dos brindes, diremos que o primeiro automovel a sortear é um excelente CHRYSLER marca que bastante acreditada está entre nós, o qual se efectua pela loteria do proximo Natal.

O outro carro, é nada mais que o esplendido e famoso PACKARD. Carro que no ultimo "Salão Automovel" do Palacio, causou asombrosa admiração a todos os visitantes, quer pela elegancia das suas linhas, quer pela maravilha da mecanica.

Este carro, será sorteado em Junho do proximo ano, para cujo sorteio todos se podem habilitar, realizando as suas compras em todo o genero de "lanificios ingleses" sem que por isso sejam prejudicados no preço ou qualidade.

Um e outro carro, teem estado em exposição publica, no Salão de Festas do Jardim Passos Manuel, onde foram apreciados de perto pelos felizes portadores das senhas que os habilita ao sorteio.

Onde e como as libras de "camelotte" fazem a sua aparição em Portugal

São dois episodios, simultaneos, um do meu immediato conhecimento; outro só por mim atingido ha muito pouco tempo. O primeiro data de uns mezes após a ceia do Natal oferecida pelo capitão De—Masi. A policia portuguesa — e creio que foi o proprio tenente sr. Moutinho d'Almeida, chefe de brigada adjunta ao V. do I., a que já me referi (e que, inegavelmente, fez esforços sobre humanos para, com tão poucos recursos abraçar todoo serviço nacional de contra-espionagem) quem prendeu o pitoresco "Homem do Aniz". "Homem do Aniz" era um subdito espanhol com muito boa vontade de ser espia mas sobre cujo talento e vocação não confiavam os chefes da espionagem alemã, limitando-o a servicos insignificantes. Espalhafatoso, pouco sobrio em bebidas, emborcando, todas as noites no "Café Royal" — "rendez-vous" d'extrangeiros de todas as nacionalidades — vinte e tal calices d'aniz e dos maiores (donde lhe veio o apodo com que os criados do café o alcunharam) chamaram immediatamente a attenção da contra-espionagem. Revistado o seu quarto no Hotel Central, do Caes Sodré (que serviu de scenario a varios capitulos de Eça e onde estão hoje instalados os escritorios da C.ª do Estoril); vasculhando as malas; foram encontrados documentos apenas interessantes por comprovarem que, de facto, tinha intendimentos com o pessoal inferior de Shutz e, nos forros dos cazacos, duas dúzias de libras. Requesitado o espolio (?) pela S. S.; examinadas as moedas com especial attenção, — tres libras de "camelotte" foram separadas do molho. A importancia do incidente policial estava precisamente nisso: teria ele trazido as libras de Espanha ou as recolhido em Portugal? Nesta ultima hipotese — dava-se immediato alarme: Shutz encontrara o processo de traficar com productos portuguezes, e portanto, os submarinos alemães tinham levado o arrojio ao extremo de emergirem na visinhança do nosso litoral. Apertado com perguntas, "prensado" num interrogatorio de cinco horas — o fraco espia bolçou toda a verdade. Um antigo patrão de Vigo contratara-o para ajudar o embarque na costa galega e como ele estava pratico no serviço e era conhecido da tripulação dos corsarios germanicos mandara-o para Portugal como contra-regra dos primeiros dois transportes que se effectuaram proximo de Vila do Conde. E como tão cedo não havia novo embarque ele desobedeceu ás ordens terminantes

do patrão, que o prohibira de ir a Lisboa, e até mesmo ao Porto e descera á capital para se desfazer de algumas libras com que o comandante do submarino o tinha gorgetiado.

Pronto! Era positivo que Shutz alastrara a sua Sombra famosa até Portugal. Grande azafama nas várias brigadas internacionais. Retiniram todas as sinetas de alarme...; badalou até a mais ruidosa de todas: a que ordenava um absoluto silencio a este respeito para não assustar a caça. E a este respeito não resisto a contar um episodio de que fui involuntario provocador. Estava eu então no inicio da carreira e exigiam-me continuamente provas jornalisticas que rabiasses por entre o publico. Naquele entusiasmo voluptuoso que só os 18 ou 19 anos dão, sobretudo quando se casa por amor com um "metier" — escutei, indiscretamente o segredo da prisão do "Homem do Aniz", puz-me em campo, completei as informações que ignorava e esfregando as mãos, na certeza do exito, mandei o original para a typographa de "O Seculo", em cuja edição noturna eu dedicara o melhor da minha febril actividade d'então. A meio da tarde recebi uma comunicação telefonica do tenente sr. Moutinho d'Almeida ordenando o mais rigoroso silencio sobre o assunto — entre outras razões porque iam iniciar um inquerito em redor de uma "conhecida firma portuguesa" que fora evocada vagamente pelo prisioneiro... "Com quem estou falando? perguntou o sr. Moutinho d'Almeida, no fim do recado. "Com Reynaldo" — respondi: "Ah! Bem! Já fica sabendo! nem uma palavra!" "Hesitei... Perler aquele náco de triunfo jornalístico? Sofrer as consequências de desobedecer á policia? E hesitando, e refletindo, e medindo os prós e os contras, deixei passar as horas; deixei que "O Seculo" fosse impresso e que os garotos apregoassem o artigo sobre "O Homem do Aniz e as libras dos submarinos!" No dia seguinte — ordem para me apresentar, sem falta, sob ameaça de prisão, no Ministerio do Interior... Era quasi um Tribunal, para me julgar... O tenente Moutinho d'Almeida — hoje bom amigo meu; o tenente Swanson, do "S. S."; o velho amigo e grande detective Bally Bolem, etc. "Que explicação dava eu ou que atenuante encontrava para a minha desobediencia e para os prejuizos que causara, pondo de sobreaviso a "tal firma" — ha muito suspeita? "A minha resposta foi simples": Ignorava que tivesse sido prohibido referir-me ao assunto!" Exclamação de surpresa: "Hom'essa! Então não foi você proprio quem recebeu a ordem pelo telefone?" — "Eu? Não senhor!" — "Perdão! Quando perguntei com quem falava — respondeu: Com Reynaldo!" Contra ataque meu: "Perdão! E' que existe um continuo no "Seculo" que se chama tambem Reynaldo". E graças a esta pequena aventura dos 18 anos me salvei (soube depois pelo proprio sr. Moutinho d'Almeida) do severo castigo que me estava reservado, com o refrigerante para os meus entusiasmos profissionais...

— Alem d'isso — retroqui, a rematar a conversa e procurando, numa habilidade esteril, apanhar um detalhe que me faltava — eu apenas me referi abstractamente a «uma firma do Porto» porque ignoro (e dizia então a verdade) qual é a que merece a suspeita da policia. Posso desoriental-a — pondo hoje um nome fantastico. Para isso basta que me digam qual é a visada — para que eu, por uma coincidência de Satanaz, não vá fazer uma emenda peor do que o... Não conclui a frase — porque o tenente Moutinho d'Almeida, virando-se, me interrompeu... «Pois sim... — disse — você é muito novo mas já tem ronha. Quería outro tiro para o seu jornal? Desta vez não apanha assunto para artigo «á sensation...»

O segundo episodio, simultaneo mas só ha pouco desembarcado no meu «block-notes» — desenvolve-se no Porto. Um casal de provincianos, dois minhotos de boas côres, ar risonho, optimista; en-

domingados e pimpões — entrou numa ourivesaria da Rua das Flores para escolher umas arrecadas «d'ourinho» e mais uns cordões vistosos para enroscarem sobre o seio avultadissimo «d'ela»; e mais um «cachucho» que tivesse uma pedra com muitas luzes, um «brilhante» dos bons para o indicador «dele»... Depois de — com cautelas para não serem enganados — escolherem na montra e nos estendais de veludo os apetecidos enfeites — entreolharam-se felizes, mutuamente dengosos, prevendo o figurão que haviam de fazer lá na terrinha, na proxima feira, quando exhibissem todo aquele ouro á bisbilhotice invejosa dos conhecidos e dos compadres... Quanto era tudo? Tanto... Desembolsam o sacco; desatam-no; alargam o bocal e começam a fazer tilintar sobre o balcão as libras necessarias... Mas eis que o ourives, por uma dessas fatalidades inexplicaveis (fatalidade para os freguezes, bem entendido) sente se picado por uma suspeita... Pede-lhes para esperar... Onde foi pedir um exame de perito ás libras — ignoro. O que sei, sim, é que voltou acompanhado dum policia — e o casal provinciano recolheu ao Governo Civil. Entre as libras do pagamento — havia cinco de louça e de «corxux». Isto foi no dia 8 de fevereiro de 1918 — afirma a nota por onde me guio. Deve portanto existir, na Policia do Porto, registro desta ocorrência. Casmurros como bons aldeões que eram, resistiram ao interrogatorio durante longo tempo. Depois vieram as contradicções — e por fim, numa difficilima espremidela — meio desabafo. Havia já uns mezes que vendiam varios productos da sua lavoiira, apesar da exportação prohibida, a uns senhores que eles não conheciam (?) e que lhes pagavam por bom preço. Ultimamente entre a entrega dos generos e o recebimento do dinheiro — demoravam uns dias — mesmo uma ou duas semanas. Por ultimo tinham-lhes pedido para irem ao Porto e dirigirem-se a uma «firma comercial» (seria a mesma que já o «Homem do Aniz» se referira e os agentes do «Intelligence Service» suspeitavam?) para cobrarem a conta em atrazo... Dessas transacções lhes provinha as libras com as quais pretendiam comprar aquele «oirinho»... Negaram saber o destino da mercadoria que ven-

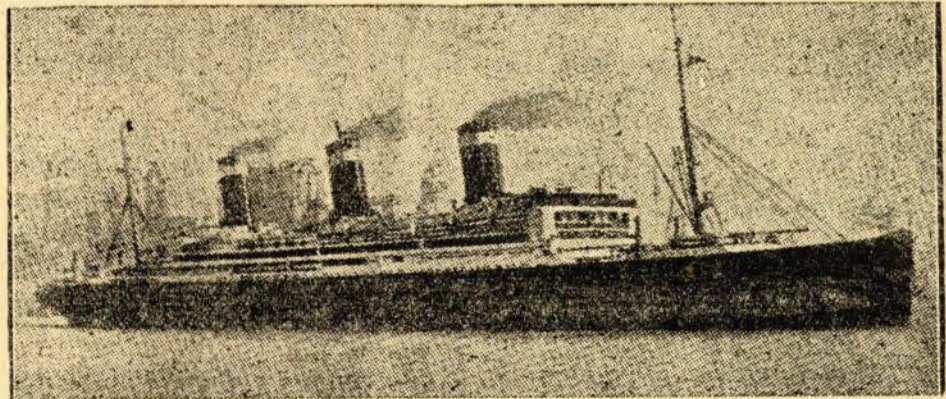
diam e o endereço dos compradores — duas ignorancias que ninguem acreditou. Mas não foi possivel dessacarolhar-lhes nada mais — nem pelo crime de exportadores de generos prohibidos poderam ser acusados... Sairam em liberdade — e a policia da contra-espionagem inter-aliada intensificou a sua vigilancia na costa do norte — ao mesmo tempo que os «caça submarinos» iniciaram continuas batidas pela visinhança do nosso litoral.

Os "raids" Vigo-Porto. —

Os coletes extravagantes.

...Shutz podia socegar. Ao mesmo tempo que os seus soldados do silencio rapavam, á grande, o nosso Minho — encontrava uma cumplicidade, cheia de simpatia, numa firma de Vigo — a ultima das 3 firmas apontadas como favoraveis aos seus planos e a unica onde as suas propostas tinham sido bem acolhidas — "lá" — e "cá" Para satisfazer o grande "role" de mercearia e não de mercearia, que da Alemanha lhe mandavam para o abastecimento da nação e do exercito — os compradores a vulso, mesmo com o exito com que estavam trabalhando, não chegavam. Havia generos e havia, sobretudo, «dóses» — que não podiam traficar facilmente, no desaqueço com que transacionavam com os lavradores e sobretudo com os cuidados que era preciso ter para transportar das origens para o litoral e do litoral para o alto mar — em paiz inimigo. Apesar da importancia do montante desse negocio (é incrível o numero de individuos que... se arruinaram, julgando enriquecer com esta traição á Patria e que occultaram depois o logro de que tinham sido victimas, por vergonha...) urgia uma ligação «séria», garantida, formal, com uma casa importante. Essa casa emprestaria uma feição legal ao trafico, adquirindo os generos, expedindo-os ou fazendo-os expedir, em nome d'outros, com «permis» legais, para Espanha — donde eles seguiriam para os submarinos, sob a benevolencia neutral das autoridades (benevolencia que, em abono da verdade, era igual para os alemães e para os aliados)...

Conforto -- Cortezia



Rapidez -- Segurança

S.S. LEVIATHAN, 59 956 toneladas. — O maior paquete do mundo. Velocidade, 24 nós. Travessia CHERBURGO—NOVA-YORK em 130 horas, da

UNITED STATES LINES

Vapores directos de Cherbourg para New-York (3 vezes por semana)

Venda de passagens da 1.ª, 2.ª unica e 3.ª classe do PORTO para NEW-YORK, sendo o preço desta ultima classe de 81 dollars. — do o transporte do Caminho de Ferro do Porto a Cherbourg, via Paris. — — —

Para compra de passagens e mais esclarecimentos queiram dirigir-se á

AGENCIA MARITIMA LUSITANO-AMERICANA

Rua Nova da Alfandega, 108-2.ª — Telefone 1981 — PORTO

ACOMODACÕES
EXCELENTE

Mas os agentes da I. S. não dormiam... Conhecedores do fracasso de Madrid e de Barcelona, ha muito que rondavam a tal firma de Vigo aguardando a conclusão da conjura com Shutz. Havia mezes que esse contracto estava em vigor; havia mezes que a casa de Vigo recebia os generos exportados, directa ou indirectamente pela casa do Porto (pela tal casa duas vezes evocada já; a casa que ainda hoje é dirigida pelo «Homem das Libras» a que os meus artigos se tem referido? mas com tal habilidade agiam que os vigilantes «spy» do «Intelligence Service» não se tinha apercebido. Mas ha sempre uma imprudencia — ou uma cilada do acaso — e aqui é que os varios «chercheurs des secrets» bifurcam as revelações. Segundo uns: o alarme foi dado pela quebra dalgumas libras no soalho (versão que já citei noutro artigo mas que nem todos os que de perto conhecem o assunto confirmam); segundo outros, o «Intelligence Service» teve a prova de que os planos de Shultz já tinham passado a realidade porque, prendendo na fronteira de regresso de Vigo, um individuo, empregado ou socio da tal casa e revistando-o descobriram que o forro do colete era almofadado por uma serie de enfiadaveis bolços secretos e atafalhados de libras — entre as quaes (Shutz não poupava nem os seus melhores auxiliares) se confundia uma boa dóse de moedas de porcelana, com que Shutz burlara a casa de Vigo; a de Vigo, involuntariamente a do Porto; e a do Porto, na mesma inconsciencia, os seus fornecedores (um dos quaes, um sacerdote — toda a gente em Barcelos vos dirá quem é — com grandes propriedades, de parte das quaes se desfez para comprar artigos que vendia «camelotte» na alucinação dos lucros fabulosos, arruinando-se. Ao descobrir a burla, neurastenizou-se e enterrou as pirâmides de libras de louça da sua fortuna. As que me foram cedidas por ocasião da minha convalescença na hospitaleira cidade de Barcelos e que eu posuo para achatar os parvos que se riem das libras de louça veem desse espolio.

A versão da descoberta dos «coletes para transporte de libras» pertence ao «dossier» do dr. Fidelino Costa que prestou, durante a guerra, valiosissimos e patrióticos serviços de contra espionagem. E aceitando essa versão sabemos que, para não afugentar a caça, os agentes restituiram libras e colete ao «correio» dos traidores, aparentando não terem pezado o seu verdadeiro significado e deixando-o em liberdade depois de um castigo ligeiro, por contrabando de moeda. Entretanto seguia um longo relatório para a policia americana de Lisboa e esta por

sua vez, dava instruções especiaes aos seus agentes a respeito do B n.º 1.

Mandados de captura —

A fuga — A lista negra

As informações colhidas pelos agentes locaes da I. S. (entre eles encontrava-se como adjunto, um comerciante inglez mobilizado, cuja honradez merece o maior respeito a todo Portugal) não podiam ser mais graves para os cavalheiros. O «Secrete Service», a quem o «Intelligence Service» punha em dia com frequentes relatórios optava pela sua prisão immediata. Pelo contrario, o I. S. preferia esperar mais algum tempo, avolumar as provas, atrair para desmascarar um maior numero de cúmplices. Neste entre-choque d'opinões — houve uma «lminence grise» que correu a alviçaras ao dono que o mandado de captura fora já assinado pelo contra almirante americano, um dos chefes da delegação de contra espionagem — e tanto bastou para que o cúmplice da casa de Vigo, fugisse do Porto ocultando-se na provincia não sei quanto tempo.

Esta deserção veio fortalecer as teorias do I. S. que procurou refrescar a atmosfera, dissipando todas as ameaças e dando ao «Homem das libras de louça» a convicção que a denuncia que o acovardava fora rebate falso ou, pelo menos, que a tempestade tinha ido rugir as suas coleras para longe. E regressando ao Porto, proseguiu o seu negocio, usando então de duplicadas cautelas. Entretanto tinha surgido um inesperado contratempo que profundamente desgostava Shutz) se era ainda Shutz que manobrava a geradora de espionagem germanica de S. Sebastião ou se era já Kolback, seu substituto) e enlaçava numa estreiteza estranguladora, o seu trafico com os submarinos: é que os budhas de Downing Street tinham-se precipitado, registando na celebre lista-negra-ingleza (a mais severa e exacta e influente de todas) a firma de Vigo. Esta etiqueta, rotulando tão valioso auxiliar, era como o leque dum holofote iluminando uma caravana nocturna de contrabandista. E esta taboleta, ao alcance de todos os olhos, não vinha só prejudicar a continuidade dos projectos de Shutz e o belo negocio da firma galega: o facto, só em si, pelo conhecimento publico das relações existentes entre ela e a firma portuense contagiava immediatamente o B n.º 1. punha-o no index embaraçava-lhe o trafico e colocava-o na contingencia eminente de resvalar tambem para a lista — o que significava uma derrota mortal. Era preciso, custasse o que custasse arrancar da lista negra, no mais curto espaço de tempo a firma de Vigo...

E aqui retomo as admiráveis recordações do Dr. Fidelino Costa. Um belo dia, um illustre, sincero, honrado e indiscutivelmente patriota comerciante foi procurado por uma «Eminencia Parda» graduada da firma portuense que ocultando, (pudera!) as razões autenticas que tinham levado o I. S. a enfileirar o agente de Vigo no formoso indice e explicando esse registo como um equívoco conseguiu convencel-o, na sua boa fé — a usar da sua influencia para que uma raspadeira ou uma borracha soltasse a casa galega daquela grilheta pesadissima. E o cidadão republicano, longe de supor o que se passava nos bastidores daquele «complot» dirigiu-se pessoalmente ao Dr. Fidelino Costa, o mais categorizado portuenez dos organismos de contra-espionagem repetindo-lhe a solicitação que recebera. O Dr. Fidelino Costa pronunciou uns vagos pormenores, visto que não lhe era permitido ser mais explicito — e registou o facto que, só por si, tinha um razoavel valor informativo.

os muitos Shutz, com todos os seus esforços, com toda a sua intelligencia, dedicação, patriotismo e elasticidade de escrupulos, podessem contel-o e salvar a Alemanha do desespero dos soldados que, sem pão, se negavam a batalhar. Mas esta ameaça só era conhecida pelos chefes, pelos altos-pilotos; o proprio povo; o proprio exercito — ignorava-a — e os agentes do I. S. — tambem. Do contrario não teriam decidido, a tão poucos mezes de paz, prender, o «Homem das libras de louça». O mandado de captura foi assinado e enviado para ser executado. Mas eis que os que cercam e colaboram com o «Homem das libras se permitem ao luxodum rasgo de esperteza insuspeitada Na vespera da data em que a prisão devia ser feita e mal receberam a denuncia, preparam uma cilada para que o encarregado de a executar, parece comprometido politicamente, apesar da sua inegavel innocencia. Foi uma armadilha urdida com genio, com uma eloquencia convincente e bem apontada ao momento agitado e convulso que o paiz atravessava. «Preso» em silencio — em vez de «prender»; isolado, incomunicavel, sem que os seus chefes soubessem sequer o que era feito dele e enquanto varios dectetives alarmados pelo seu desaparecimento, o buscavam por toda a parte (menos na prisão, como é natural) gente de confiança dos autores da cilada, invadiam, tambem a titulo politico, a sua residencia e levavam alguns documentos comprometedores para o «Homem das Libras de Louça».

E assim escapou, pela segunda vez á justiça quem traficava com o inimigo e acumulava uma fortuna, enquanto a pobre soldadesca, arrastada para a guerra que não podia sentir, contra um povo que não podia odiar, por não o conhecer vivia cantos de Dante — no inferno das trincheiras.

Um dia o Porto foi sacudido por uma rajada de ventura — gota de balsamo da paz que restituia á vida, a Humanidade inteira... A Alemanha pedia um armisticio... Os monstros da Dor e da Morte de quatro anos de pesadelo diluam-se ao sol que nascia... O Niagara de Sangue, sempre renovado — secava... Os corpos e as almas repousavam... A vida renascia para a vida... Era a Paz! Desmobilisaram-se os exercitos... Os agentes estrangeiros da contra-espionagem, rasgavam á pressa, a papelada — albuns de muita ignominia e de muita miseria — deitavam lhe fogo — assobiando canções da sua terra... Era a paz para todos — até para os espiões, para os soldados da sombra...

O «Homem das Libras de Louça» respirou, sorriu, feliz... Que dóce que é a existencia — saboreada como ele a saboreava; um cofre inexgotavel junto a si e a sensação do perigo passado...

O ULTIMO SUCESSO
:: DE LIVRARIA ::

CEMITERIO da GLORIA

e da SAUDADE

2.º volume das obras
completas do

REPORTER X

À venda em todas as livrarias

«Les portugais n'ont pas

la memoir du sang...»

Avisinhava-se o armisticio — mas ninguém o profetisava... Avi-inhava-se o armisticio — precisamente porque todas as organizações de abastecimento secreto da Alemanha, que funcionavam na Holanda, na Dinamarca, na Suecia, na Suissa, em Hespanha... — e em Portugal, com varios «Homens das libras de louça» — tinham ido estalando á força de serem esticadas — e a ameaça fome — que foi travão rapido da guerra — dilatava-se sem que

TIPOGRAFIA ÉLITE

Rua Fernandes Tomaz, 958

PORTO

EXECUÇÃO DE TODOS OS TRABALHOS TIPOGRAFICOS. IMPRESSÃO A CORES, ETC.

Muitas vezes quasi que vale a pena sofrer as sacudidas do medo sob a ameaça de riscos graves — só para depois gozar tranquilamente o espectáculo de os ver estilhaçar no ar, como fogo de vistas, sem nos terem beliscado... Do que ele fizera — nada restava... Ou antes restava — restava todo o ouro amealhado... Era verdade que, por vezes, lhe tinham impingido gato por lebre — mas isso... que? Libras de «camelotte». Algumas passara-as pelo mesmo preço... Outras — quebravam-se; transformavam-se em cascos, caixa do lixo e umas cifras no Ganhos e Perdas... — que bem quantosos tinham sido os primeiros — para poderem aguentar, sem desequilíbrios — os prejuizos dos «gatos» impingidos...

«Les portugais n'ont pas memoire da sang» — disse não sei quem... E por isso se muito se cochichara a seu respeito — depressa o esqueceriam... Ele tornara a ser o homem honrado, o patriota, o generoso esmoler de sempre... Com boa fortuna — quem não é honrado, patriota, talentoso e santo e milagreiro até... Não havia duvida... A vida é deliciosa: — a vida é bem uma prova do genio do Creador...

O que muitas vezes estraga a digestão — é o jornalista... Porque não se contentarão esses pulhas em desmascarar apenas os pequenos gatunos, os cartelistas — ou a fazer literatura, folhetins amorosos? E' já mania meterem-se com os homens honrados, com os patriotas... E o pior (dirá ele com os seus botões, á mesma hora que eu encho esta folha de papel) o pior é que ele prometeu pôr tudo em pratos limpos, numa segunda e ultima reportagem. Entraves não lhe tem faltado... Ha mesmo já quem suspeite do seu silencio... Mas é teimoso — este X! E tem sete folegos como os gatos... Um passeio pelo gabinete; depois um pouco de repouso junto á janela, contemplando a rua;

— «De facto a vida é deliciosa... E' pena que não acabem com os jornalistas... Com os jornalistas e com os mutilados da guerra. E' um feio espectáculo esse dos aleijões a passearem e a incomodarem quem quer gozar com socego, sem perturbações o dinheiro ganho honradamente...

Fim da segunda e ultima reportagem do «Homem das libras de louça» (1)

REPORTER X.

(1) Fim... deste assunto — para bom cumprimento do prometido. Mas o campo é vasto — e tenho em vista bifurcações subterraneas que me devem conduzir a catacumbas bem recheadas e que tenciono revelar — sem tornar, já se vê, a tratar das libras de louça — que é caso arrumado para socego das consciencias... desasocegadas...

R. X.

TAPETES
OLEADOS
PASSADEIRAS
PERGAMOIDES
CORTINADOS
CRETONES
CARPETES

Vendas directamente ao publico
M. Guimarães & Irmão
----- Rua das Flores, 84-1.

Pequenos factos

O suicidio do louco

TEM algo de «grand-guignol», fantasia alucinante duma obra do «Príncipe do Terror» aquela tragédia desenvolvida no manicómio do Telhal e que tão laconicamente foi narrada á imprensa. Não sabemos que desgosto profundo abalára numa sacudida violenta, as faculdades mentais de Antonio dos Santos. Enlouquecera e a sua demencia era feita, por excesso de crueldade do destino, de um pavor angustiante pela loucura. O reflexo do seu rosto num espelho, bastava para provocar-lhe epilepsias furiosas: — «Tirem aquele louco dali, gritava. Eu não quero ver loucos. Eu tenho horror pelos loucos».

Era forçoso interná-lo e o filho que, chorando, o conduziu ao manicómio, recomendou a máxima generosidade para o doente, e, sobretudo que o não deixassem sem vigilância porque temia que ele se suicidasse. Ignora-se o que se passou e a forma como o desgraçado foi tratado. O que se sabe, sim, é que Antonio dos Santos enjaulado em meio dos outros escravos da demencia, fechava os olhos para não os acentar e, no fim de seis dias, não podendo mais com a monstruosidade daquele espectáculo de que era, cotado, era também actor, pôz termo á existencia. Um só comentário a rematar: — Hans Schulbert, o genial panfleto alemão padia, ainda ha pouco tempo, que se fizesse um exame ás faculdades mentais dos psiquiatras do seu país convencido que, desse estudo resultariam surpresas pasmosas. Em Portugal, temos a certeza, os resultados não seriam mais favoráveis aos nossos psiquiatras.

A. R.

Auto-analise da morte

SERIA curioso investigar os porquês da tragica cadeia dos suicidas. A grande percentagem, é sabido, gravita em redor das perigosas diabruras de Cupido e das tortuosidades da vida. Segue-se-lhe a dos neurastenicos geralmente recrutados entre os hiper-civilizados.

Os casos em espiritos suggestionaveis formam egualmente legião. Ha ainda uma especie de «elite» entre os suicidas. Recordam-se certamente da existencia d'aquelle celebre club de Londres. Entre outras proezas, os seus associados, que pertenciam á mais alta estirpe da nobreza londrina, cometiam o semi-enforcamento. Enlaçavam no pescoço uma corda, projectavam-se no espaço e ficavam suspensos durante uns segundos até que um colaborador se aproximava deles com banco, afim de apoiarem os pés. Nesses segundos experimentavam a mais violenta das emoções. Com inglezes, que são pontuais, a brincadeira admite-se. Entre nós não é possível, sem o risco do banco salvador chegar duas horas mais tarde. E os que se suicidam por «chinezisse», apesar de toda a logica com que procuram justificar-se? Já em 1866 um tal Deal, em França, se suicidou por meio de asfixia no intuito de estabelecer os detalhes do sofrimento que a morte, dessa maneira, lhe poderia provocar. Escreveu ele num jornal que foi encontrado no quarto apoz a sua morte: «Eu pensei que seria util fazer conhecer, no interesse da sciencia, quais eram os efeitos do acido carbonico sobre o homem». Como em certo momento lhe batessam á porta, Deal escreve: «Tenho sido importunado varias vezes;

ler no proximo numero do

REPORTER X

Na literatura, no Cinema,
no Teatro e nas Artes

leve o diabo os importunos. Não consentem que um homem morra tranquilamente.»

Terminados todos os preparativos aguarda a morte notando minuciosamente todas as sensações: 10 horas e 20. — O pulso calmo e não bate mais rapidamente que de ordinario; 10 horas e 30 — Um vapor espesso levanta-se dentro do quarto. Começo a sentir uma violenta dor de cabeça. Pulso agitado. 10 horas e 40 — Batem-me as fontes como se as veias quizessem romper. Sofro horriavelmente do estomago. Oitenta pulsações por minuto. 10 horas e 50 — Apresentam-se-me ideias estranhas ao espirito. Posso, apenas, respirar. Não irei longe. Tenho sintomas de loucura. 10 horas e 60 minutos — Quasi que não posso escrever. Tolda-se-me a vista. Não suporta que custava tanto a morrer. 10 horas e 72 — Aqui alguns caracteres ilegíveis e é tudo.

Isto vem a proposito dum suicida amoroso, descoberto agora em França, e que registou tambem todas as impressões da asfixia.

DECIO NUNES

PELES

Muitas PELES

A mais variada
colecção de PELES

Só no antigo deposito

RUA CANDIDO DOS REIS, 39-PORTO

JUSTUS

Atacadores elasticos para calçado
NOVIDADE DE
JUSTUS, Limitada

Os JUSTUS dispensam

a tua ajuda...



Calça e descalça sem ser
preciso apertar
e desapertar!

A' venda nas boas casas

CASA DAS GABARDINES

134, Rua de Santa Catarina, 128 — PORTO



Grande sortido em casa-
cos de couro, impermea-
-veis e gabardines - -

A unica casa no Porto,
especializada nestes
artigos, que não teme
concorrença de preços
: : e qualidades : :

Comprando na Casa das Gabardines,
V. Ex.^a economiza dinheiro!

FABRICA DE MOLDURAS E OFICINA DE DOURADOR

SANTOS & IRMÃO, SUC.^{OR}

FUNDADA FM 1858

Escritorio: Travessa de Liçeiras, 1 e 3 — PORTO

Caixilhos estilizados e de fantasia. Especialidade
em caixilhos ovaes e etajeres com espelho.
Restauros, imitações, Decoração e pintura de moveis.
Deposito de espelhos e oristaes das fabricas
de SAINT GOBAIN

Medalha d'ouro na Exposição Industrial
Portuguesa

Tapetes Artísticos Ponte da Paiz
Premiados em todas as exposições

Todos os estilos
antigos e modernos

ESCRITORIO

Rua de Santa Catarina - 154
PORTO

MALHAS DE LÃ Camisolas, peu-
gas, pullovers,
polainitos ingleses, luvas e mais artigos de
agasalho. Tem o maior sor-
tido e aos melhores preços a

Camisaria Serra

281, Rua Mousinho da Silveira, 287

CAFÉ RIO 117, Batalha, 118
PORTO

O melhor café da Batalha, na opinião
dos bons apreciadores de café

Bar Batalha nos baixos do
"CAFÉ RIO"

Não é preciso reclamar assim e afirmar os bons frugueses

IMPOSSIVEL

NOVELA DE
REPORTER

X

Procurem nas boas
Livrarias
e Quiosques do Paiz

Magalhães, Filhos, L.^{da}

MADEIRAS

VIANA do CASTELO

Só no Rapido Americano

Confie-nos todo o seu calçado para
concertar. Ele sai das nossas mãos
completamente transformado e a
prova de resistencia. Os nossos
concertos são económicos e a cer-
tesa de que V. Ex.^a encontra o seu
calçado pronto em dia e hora de-
terminados, poupa-lhe arrelias e
encomodos.

165, Rua Passos Manoel, 171
PORTO

Alfaiateria Amaral

DE

C. FERREIRA AMARAL

R. Sá da Bandeira, 314 — PORTO

Sempre o melhor sortido de fazen-
das nacionaes e estrangeiras
NOVIDADES

A Defeza das Crianças...



...O Leite da Quinta do Paço

Dep.: Praça Guilherme Gomes Fernandes, 47/51 — Telef. 4303

COMPANHIA INGLEZA
DE SEGUROS

"BRITISH OAK"



SEGUROS CONTRA
INCENDIO
ASSALTOS
GREVES E
TUMULTOS
GUERRA CIVIL
REVOLUÇÃO

REPRESENTANTE NO NORTE
A. FREIS
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 45-1.^a
TELEFONE 1022
PORTO

João de Souza e Silva
Estabelecimento de Fazendas

Novidades para homem,
e criança

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua D. Antonio Barroso
BARGELOS

O VERDADEIRO

C E R E S I T

Contra a HUMIDADE e SALITRE

Só é vendido por J. BIELMAN, SUCR.

GALERIA DE PARIS, 42 — PORTO

(Cuidado com as falsificações)

COPRES

COPRES a valer

e Bombas para trasfegar
(GARANTIDAS)

Sistema "Gailot"

TRIÑES

VILA NOVA DE GAIA

TELEFONE N.º 2552

A PRODUCTIVA

Fabrica de todos os artigos de arame

Colchões para todas as camas de ferro ou madeira — Capachos de arame — Rede de arame para todas as vedações — Fabrico especial em arame galvanizado em diversas grossuras.

José de Magalhães

Rua da Picaria, 27

— PORTO —

Cervejaria Chic

Praça da Batalha n.º 31

PORTO

(An todo do Cine Aguil d'Ouro)

Depositario unico dos Vinhos Espumosos e Champagne da Anadia. Previne os consumidores que tem sempre grande stock em armazem, atendendo rapidamente todos os pedidos.

Entrega ao domicilio

— AGENCIA —
NICOLAU FERRAZ

PASSAPORTES

Rua do Loureiro, 80

PORTO

Telegramas: Sifferraz
Telefone, 762



As grafonolas e discos

ODEON

ocupam sem favor em todo o mundo o primeiro lugar.

Oçam as novidades de gravação electrica que acabam de chegar

Agente geral:

RICARDO LEMOS

Rua Formosa, 304-1.º — PORTO

JUVENALIA

A perola das Pomadas para calçado

Representante } **Feliciano Sobral**
e depositario } R. da Fabrica, 11-2.º — PORTO Telef. 4353

Chargeurs Réunis e Sud-Atlantique

Para o Brazil e Rio da Prata

PARA CARGA, PASSAGENS E QUAISQUER ESCLARECIMENTOS
TRATA-SE COM OS AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

Comptoir Maritime Franco-Portugais, Limitada

Sucessor de DIOGO JOAQUIM DE MATOS

No PORTO: R. da Alfandega, 7 | Em LISBOA: Cais do Sodré, 32-38
Telef. 2925, 2926-G | Telef. 2292, 2294-G

GRAMOFONES A PRESTAÇÕES

QUE ENTREGAMOS no ACTO DA INSCRIÇÃO

Semanaes de 10\$00, 20\$00 e 30\$00 com bonus

Faça a sua inscrição e hoje mesmo terá muzica em sua casa.

A mais alta sonoridade e pureza de som, só com o aparelho

— **DULCETTO** —

que suplanta tudo até hoje fabricado.

Stand ARMSTRONG SIDDELEY

Rua Fernandes Tomaz, 554 — PORTO